

VINHO PENHORADO ► Produtores só aceitam venda com acordo da Casa do Douro, empresas e Governo ► Defendida solução que passaria pela criação de um fundo de investimento

Douro contra oportunismos

Ermeinda Osório

Os viticultores da Região Demarcada do Douro estão contra a possibilidade de venda do vinho da Casa do Douro (CD) penhorado pela banca (17 mil pipas) a uma ou mais empresas exportadoras, sem que os representantes do sector aprovem a operação.

Ainda mais, tendo em conta que os preços avançados publicamente, de 800 euros a pipa (quando o valor real médio é calculado em 1500 euros) não serão suficientes para cobrir a dívida de 24 milhões de euros da instituição ao Banco Português de Negócios. Uma situação que obrigará a que sejam accionadas penhoras adicionais, incluindo sobre a sede da instituição, na Régua, que poderá, assim, regressar à venda em hasta pública.

Para António Mesquita, viticultor da Régua, "neste negócio tem de intervir também a Casa do Douro, Associação de Empresas do Vinho do Porto e o próprio Governo, através do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, pois têm de ser cumpridas determinadas regras para que os preços não se tornem de miséria".

Luís Arnaldo, viticultor e presidente da Associação de Lavradores do Douro Produtores de Vinho do Porto, com sede no Pinhão, explica que "desde a entrada na União Europeia, as regras do liberalismo fazem com que os produtores tenham cada vez menos hipóteses de se defender de meia dúzia de empresas que se podem sentar a uma mesa e decidir os preços".

Luís Arnaldo lembra que "neste momento, há já 100 mil pipas de vinho a mais" em stock, em relação às necessidades reais. Na sua opinião, "a única solução seria diminuir a oferta, mas isso só se pode fazer durante vários anos, porque de contrário sufoca-nos a nós próprios financeiramente".



No Douro, cada ano mais desertificado, são os mais idosos que asseguram alguma continuidade

Mesquita Montes propõe fundo

■ Mesquita Montes, antigo presidente da CD, não compreende "porque é que não se avança com a criação do Fundo de Investimento do Vinho do Porto", defendido por várias pessoas do sector e a exemplo do fundo de fomento florestal, onde foram investidos 10 milhões de euros. O responsável garante que assim se resolveriam os problemas da CD e se criaria um mecanismo permanente de regulação do mercado. Este fundo seria constituído por um capital inicial entre os 25 e os 30 milhões de euros.

Ainda segundo este viticultor "a estimativa de crise aponta para mais três anos maus. Essas 17 mil pipas implicam a duplicação deste horizonte de crise". É preciso, contudo, "entender que isto vai provocar desequilíbrio à produção mas também ao comércio. Há uma empresa que vai comprar 17 mil pipas a preço de saldo e isso prejudica as outras empresas. Estas anormalidades do circuito comercial deviam ser ponderadas pelo Estado", conclui.

Instabilidade

Eduardo Lopes, presidente da Adega Cooperativa de Santa Marta de Penaguião, concorda que "o negócio só vem desestabilizar o sector. Estão a fazer-se os primeiros negócios da vindima e tem um efeito muito negativo, dada a época do ano". O dirigente defende a "entrada do vinho no mercado de forma faseada e não em avalanche".

Também Jaime Costa, presi-

dente da Adega de Vila Real, receia "uma oferta muito superior à procura, que irá provocar instabilidade, tanto na produção como no comércio". Quanto às dificuldades da CD, o director considera que "era fundamental resolvê-las de forma consistente, porque a espingarda está apontada aos pequenos agricultores que tiveram sempre poucos defensores, sobretudo a partir do momento em que foram retirados os poderes" à instituição duriense.

Já Casimiro Fraga, de Vila Flor, vê neste negócio uma "catástrofe". Não só porque "cada vez mais os preços baixam, mas porque entretanto o mercado habituava-se a esses preços e depois é difícil alterá-los". Para este agricultor "a CD é que devia poder vender os seus vinhos, como qualquer empresa ou organização". Simplesmente, "só tem despesas e não lhe deixam ter receitas, que só podem ser geradas pelo produto vendido", explica.

Mini Entrevista

Joaquim Monteiro
Viticultor de S. J. Pesqueira

"Os durienses são os negros da Europa"

O que pensa deste possível negócio?

Penso que há gente no mercado que quer furar todos os acordos estabelecidos no comunicado de vindima, com vista a uma política de não baixar de preços. E que os durienses não podem continuar a confiar em gente sem palavra.

Acha que o Governo devia intervir?

Acho que os políticos (partidos, governos e autarcas), são eleitos para defenderem o povo, mas não o fazem. Temo que os durienses se apercebam demasiado tarde que nos estão a escravizar. Um dia vai haver uma convulsão social e vamos pegar todos em enxadas.

Isso não será radical?

Os durienses são os negros da Europa. Somos caso único no mundo, porque vendemos as uvas sem saber a que preço as vão pagar, e até se vão pagar. Agricultores que há cinco anos viviam das suas vinhas, hoje vão para apanha da fruta em França ou na Bélgica para poderem sobreviver. Há pessoas com fome, endividadas até aos dentes, enquanto meia dúzia enriquece com a crise. Eles têm a força do dinheiro. Nós somos milhares e temos a força dos braços.

Ausência de stocks inviabiliza novos exportadores

■ As 17 mil pipas da Casa do Douro (CD) penhoradas ao BPN respeitadas às colheitas adquiridas à lavoura nos anos de 1999, 2000 e 2001, como excedentes, ao preço de 1100 euros a pipa. Nessa altura, já a CD se debatia com sérios problemas económicos e

dívidas a outros bancos. O BPN apoiou a instituição, mesmo sem aval do Estado. Agora, um responsável do banco já admitiu que "precisa de agir com rapidez, salvaguardando os seus interesses".

Por outro lado, tendo em conta que os vinhos do actual stock da

CD, constituem a única e exclusiva fonte de abastecimento para os exportadores que comercializam Vinhos do Porto de "Colheita", o desaparecimento deste inviabiliza o aparecimento de novos exportadores.

O JN tentou ouvir o Governo,

mas uma fonte do Ministério da Agricultura esclareceu apenas, que "os Ministérios da Agricultura e Finanças estão a acompanhar e a monitorizar de perto todas as operações que a Casa do Douro efectua".

Já o ex-secretário de Estado da

Agricultura, Bianchi de Aguiar, não acredita que "os comerciantes estejam interessados em desequilibrar o mercado". No entanto, considera que "os preços avançados, esses sim, é verdade, que são calamitosos".

Ermeinda Osório

Publicações:

Data:

Secção:

Dossier:

Página: 13 e últ.

